

# A CAPOEIRA COMO ARTEFATO DA DIÁSPORA AFRICANA: CONSTRUINDO IDENTIDADES NA ESCOLA

<sup>1</sup>JOÃO MARCUS PERELLI  
FAMERC/UNESA-Rio de Janeiro- Brasil  
[joaomarperelli@uol.com.br](mailto:joaomarperelli@uol.com.br)

## OBJETIVO GERAL:

Verificar em que medida a Capoeira pode se constituir como artefato da Diáspora Africana, com o intuito de caracterizá-la como elemento identitário aglutinador na escola.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De início, a fundamentação teórica do estudo ancora-se numa revisão de literatura sobre os aspectos conceituais da Diáspora Africana, e históricos da Capoeira, para depois tecer paralelos entre a mesma e a construção de identidade na escola.

## I-INTRODUÇÃO

Na história moderna da civilização ocidental o sistema de colonização realizado pelas chamadas nações dominantes representa um processo de hierarquização e arbitrariedade sócio-cultural, que resultou em uma estratificação e classificação das sociedades “civilizadas”. Este conceito de civilização está baseado em um referencial hegemônico comum ao período do século XVI ao XVIII, que representava a ideologia que traduzida na versão colonizadora eurocêntrica dos saberes, sobretudo na relação com os povos colonizados na produção do conhecimento conceituado de subalterno, como no exemplo da diáspora africana.

Neste sentido o tipo de pensamento produzido pela colonialidade do poder revela formas de pensar e agir padronizados (estereótipos), e exclui o que Mignolo (2003) chama de pensamento liminar, ou seja, pensar a partir de, das estruturas sociais à margem desse pensamento, construindo assim, uma outra visão de mundo que não a dominante (Gnose). Isto significa falar de um conhecimento além das culturas acadêmicas, no sentido de conhecimento geral. Traduzindo uma forma de agir e viver da população escravocrata do período colonial, Lãs Casas (1996) argumenta que a forma como os africanos eram retirados da África desumanizava e contrariava as leis pregadas pelo Catolicismo, gerando um genocídio e negando assim seus traços identitários e a sua cultura.

Nesse sentido, a idéia acerca da diáspora é fundamental para entender o complexo procedimento de representação social da comunidade afro-brasileira e suas manifestações culturais estabelecidas no Brasil. Nesse caso específico, a diáspora Africana é reelaborada e ressignificada, sendo reconstruída a luz dos novos elementos culturais sincretizados no nosso país a partir de uma nova dinâmica social. Tavares (2008) destaca o papel relevante da diáspora africana:

“O conceito de diáspora tenta aproximar as experiências que os descendentes de africanos desenvolveram a partir das inúmeras áreas onde eles foram alocados. Existem várias semelhanças religiosas, culinárias, estéticas e até mesmo corporais – na maneira de andar e de vestir, por exemplo – que foram preservadas por esses povos espalhados

---

<sup>1</sup> Professor da UNESA Campus Macaé e Niterói, da Faculdade Mercúrio-RJ (FAMERC) e Coordenador da Pós-Capoeira UNESA-AKXE-RJ

pelo planeta. A idéia de diáspora é uma tentativa de entrelaçar todas essas diferenças, mas preservando uma característica em comum, que é trazer para aquele lugar onde esses africanos foram colocados o que de mais importante existia no seu cotidiano na África: O mundo simbólico, o batuque, a dança, capoeira, e as celebrações divinas. Tudo isso vai aparecer com características um pouco distintas, mas com estruturas muito semelhantes, seja em Cuba, no Brasil, no sul dos Estados Unidos ou no Caribe.”

A diáspora africana de acordo com Passos (2008) está relacionada ao “processo de mercantilização do povo africano no período colonial e aos processos de socialização dos desenraizados, posteriores a este momento inicial, destacando que “a diáspora é a vida no exílio e por isso tem que ser pensada na cultura como um processo dinâmico... o estar em outra terra exige uma re-configuração das identidades”(p.8). No tocante aos negros da diáspora (dança, música, culinária, praças, ruas, bairros, morros),esses espaços, de culto como os terreiros, e os grupos de Capoeira, se tornam depositários dos símbolos da origem mítica, como descreve Petit(2008) e Tavares (2008) ressaltando o papel do espaço simbólico das manifestações afro-brasileiras:

“Foi através da religião que essa experiência se unificou. Claro que eram muitas as formas de adorar o divino e essas formas foram preservadas de maneira muito forte. Além disso, essa preservação trazia aquilo que havia de mais importante para os africanos deserdados: a celebração do território. A religiosidade traz, sobretudo, uma imagem do território perdido, que é concretizado no terreiro. O terreiro tem o papel importantíssimo de resgatar aquele território nativo, mesmo que através de uma nostalgia, de um lamento. E é esse território representado pelo círculo que vai reaparecer em várias atividades, de cunho religioso e também no espaço lúdico. Essa mesma roda está presente na capoeira, no jongo, no tambor de crioula, na gira da umbanda e no samba”

Esse fluxo migratório favoreceu a formação de novos grupos identitários, originários dessa amálgama, de um processo de reinscrição, reconstrução e tradução cultural, resultante do hibridismo<sup>2</sup>, construindo assim, novos espaços, discursos e formas de ver e sentir a sociedade e o mundo. A capoeira forjou-se nessa almálgama de caracteres que posteriormente lhe conferiria status de arte e patrimônio cultural e imaterial brasileiro.

A valorização por uma identidade singular, a partir de suas múltiplas categorias identitárias, pessoal ou individual, gênero, coletiva, regional ou nacional está presente em ideologias dominantes desde a Revolução Francesa com a formação dos Estados-Nações, onde surgiu uma leitura inovadora da formação do caráter/identidade de um povo/nação (Hobsbawm,2000).

Em termos gerais, no processo de formação identitária de uma nação são reconhecidos elementos discursivos capazes de formar os arcabouços culturais de seu povo, que se manifestam em diferentes entidades específicas onde se destacam o corpo, os costumes, o comportamento, a língua, história, o território, religião, jogos (Sodré, 2002,Munanga 2004). Elementos estes que se configuram no jogo de significados e representações sociais, concebidas pelo conjunto de signos que formam traços ou marcas externas visíveis e suscetíveis aos sistemas de significação cultural imanentes ao contexto das nações. Estas nações trouxeram consigo conhecimentos e saberes de seu povo na corporeidade de suas

---

<sup>2</sup> (Hibridismo se caracteriza por uma reinscrição cultural dos indivíduos, uma ação contingente, fruto de sínteses e traduções plurais que terminam por “cruzar fronteiras” entre as diferentes identidades, formando um “terceiro espaço” que impede que as identidades fiquem reduzidas a um único marcador identitário (racial, social, de gênero, religioso, etc.) ou a uma visão congelada sobre as mesmas).

etnias que comunicam o mundo interior com o exterior, formando assim novas comunidades imaginadas.

Nesse momento do estudo entendemos que, necessário se faz um breve esclarecimento da história da Capoeira para podermos inseri-la na perspectiva de uma aproximação daquele que é o nosso objeto de a Capoeira como elemento da Diáspora Africana, formado identidade na escola.

Após a análise da literatura pertinente à luta nacional constatamos que o termo capoeira, em suas raízes etimológicas, apresenta-se passível de confusões e sentidos dúbios no tocante ao seu significado através dos tempos, encontram-no pela primeira vez no ano de 1712 (Araújo, p. 57) com o significado de origem portuguesa, referindo-se às características de cestos, gaiolas ou locais determinados para se guardar aves, somente destacando-se a partir do ano de 1875, com sentido de mato, de influência lingüística tupi-guarani. Inserido neste contexto, segundo o mesmo autor, ocorre semelhante confusão no que se refere à identificação de negros, como todo tipo de indivíduo cuja pele não fosse branca, não se fazendo distinção dos tipos chamados negros da terra (os índios brasileiros) e negros da Guiné (os escravos oriundos do continente africano).

Para o estudioso, este fato pode ter levado alguns pesquisadores a cometerem equívocos no que diz respeito à classificação dos indivíduos denominados de negros e capoeiras, ao considerarem a tipologia das ações maléficas oportunamente realizadas por tais indivíduos, não se podendo afirmar serem estes, os praticantes da luta/ jogo em estudo.

No período temporal da segunda metade do século XIX, aparecem no cenário carioca associação de indivíduos, compostas de negros, escravos, brancos e libertos chamados de maltas de capoeiras, cujo respectivo objetivo era a proteção dos seus membros em seu território, tendo alguns dos bairros as maltas e seus respectivos líderes (Karasch,2000), chegando ao ponto de agrupar cerca de 1000 (Soares, 2001) pessoas em algumas dessas associações, tendo relevante participação na política do período. Nesse sentido, a capoeira tem seu papel de destaque no contexto cultural, pelo seu envolvimento no processo sócio-histórico da nação.

Em se tratando da temática abordada, Araújo (1997, p.261) tece alguns considerandos sobre as mutações ocorridas na capoeira, argumentando que “houve uma mudança na forma de caracterizar a luta/jogo capoeira a partir do século XIX até a década de 1930, em favor de uma política de construção de uma cultura corporal genuinamente nacional”, visto que neste período a mesma passou a não ser mais considerada como conteúdo cultural das camadas menos favorecidas, negros, escravos ou africanos, ou como tendo sido gerada nos meios marginais da sociedade colonial ou imperial. Na visão do autor ela evolui para a condição de mestiça, livre e brasileira, a partir daí começa-se a esboçar uma relação entre a mesma e a construção da identidade nacional.

O termo identidade e identidade nacional vêm sendo utilizado largamente por diversos autores, em várias áreas da episteme humana. Para este ensaio teórico utilizou-se a fundamentação de Sodré<sup>1</sup>, onde o autor conceitua identidade como: “a palavra vem de *idem* (versão latina do grego *tó auto*, o mesmo), que resulta do latim escolástico em *identitas*, isto é, a permanência do objeto, único e idêntico a si mesmo (...)” e ainda esclarece que “(...) Identidade - ou conformidade, por semelhança ou igualdade, entre coisas diversas - é assim o caráter do que diz a” um“, embora seja” dois “ou” outro “(...) (p.33), pensando no sentido de alteridade do” outro “como referência para a formação identitária”.

Tecendo relações com o conteúdo abordado Silva (1999), oferece indicação de que a alteridade desempenha papel significante no que concerne à formação das identidades ao afirmar: “além disso, esse processo de formação da identidade está sempre referido a um ‘outro’. Sou o que o outro não é; não sou o que o outro é. Identidade e alteridade são, assim, processos inseparáveis” (p.26). Hall (2000, P. 110), sobre este assunto indica que “Acima de

---

<sup>1</sup>Sodré, 2000

tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são diretamente invocadas, as identidades são construídas por meio das diferenças e não fora delas”. O processo no qual nasce à identificação pessoal e nacional têm relação ao “outro”. Hall (2000, P. 110), a respeito do significado de “outro”, esclarece que:

*“Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado positivo de qualquer termo, e assim, sua identidade - pode ser construído.”*

De acordo com a perspectiva dos estudos identitários e sua relação com os escravos negros da terra ou da guiné, Sodré (2002), constrói um universo entre o escravo e o senhor, por tanto, os objetivos de vida são completamente díspares: “um é dependente (o senhor), e sua natureza essencial é existir para si; o outro (escravo) é dependente, e a essência de sua vida é a existência para o outro” (p.119), acontecendo algo semelhante com os escravos que viviam no Brasil. Sodré ainda assinala que a “desterritorialização” contribuiu para que os mesmos esquecessem o sentimento de pertencimento à sua terra de origem para um “outro” lugar, negando assim a possibilidade de identificação pessoal do escravo, pois é vivendo para o “outro” ou em “outra” terra, que o mesmo era privado da sua identidade.

O escravo passava pelo processo de transformação e apropriação cultural, ao se colocar em um novo espaço (terra), criando novas formas de identificação e pertencimento, por meio de relações históricas e sociais vivenciadas em “outro” contexto, como afirmou Sodré (2002): “O carnaval, o futebol, as festas religiosas, foram jogos que os negros tomaram aos portugueses para constituir lugares de identidade e transação social (...)” (p.153).

Isto vem reforçar o conceito de identidade de resistência gerada por atores que estão em posição desvalorizadas ou discriminada, desenvolvido por Castells, quando afirma que esse é: “(...) tipo de construção de identidade, a identidade destinada à resistência, leva a formação de comunas, ou comunidades, (...) é provável que seja esse o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade”. A escola tem um papel relevante no tocante a essa formação identitária, pois é um dos espaços onde a diversidade está presente, possibilitando assim a reflexão, discussão dos valores e dos critérios relacionados aos direitos e cidadania (Santos e Canen, 2007).

Sabendo que o tema aludido é significativo na sua teia de complexidade e rico em valores simbólicos, o estudo não tem a pretensão de esgotar a temática, tão pouco ser conclusivo, nem taxar verdades absolutas, apenas demonstrar que a Capoeira é resultados da Diáspora Africana e da própria hibridização da cultura da nossa nação, sendo constituída de elementos de distintas etnias, reconfigurando-se e se reinventando no Brasil, com a entrada do berimbau, de novos golpes, surgimento de novos grupos e modalidades de Capoeira, com seus estatutos e graduações, novas metodologias de ensino, afirmando novas identidades na escola, e construindo Identidades de resistência, avançando no reconhecimento e valorização de um dos papéis do negro na sociedade brasileira, chegando ao ponto de transforma-se em Patrimônio Imaterial Brasileiro.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ARAÚJO. Paulo Coelho. *ABORDAGENS SÓCIO-ANTROPOLÓGICAS DA LUTA/JOGO DA CAPOEIRA*. Editora PUBLISMAI- Departamento de Publicações do Instituto Superior da Maia, Portugal, 1997.

ARAÚJO, Paulo Coelho. *A luta da Capoeira: reflexões acerca da sua origem*. Rio de Janeiro: Aula inaugural do curso de Pós-Capoeira UNESA-RJ, Agosto, 2008.

CANEN, A; MOREIRA, A. F. B. Mini-Curso: *Multiculturalismo, Currículo e Formação Docente*. 22ª Reunião Anual da ANPED, 26-30 Setembro, 1999.

CARVALHO, Maria Livramento Gomes de. CANEN Ana. *A LINGUAGEM COMO AFIRMAÇÃO CULTURAL DA IDENTIDADE NEGRA: LIÇÕES E DESAFIOS DE UM CONTEXTO EDUCACIONAL PÓS-COLONIAL*. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO,32, Caxambu, Anais... São Paulo: ANPED,2009. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT21-5192--Int.pdf> Acesso em: 1 nov. 2009.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha, a metáfora da condição humana*. 46 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE D'EDUCATION PHYSIQUE. *Manifesto mundial de educação física Fiep-2000*. Kayganque. Palmas, 2000.

LEITE LOPES, José Sérgio. *ESPORTE, EMOÇÃO E CONFLITO SOCIAL*. Rio de Janeiro, MANA: estudos de antropologia social, vol, nº 1, 1995

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas culturais sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. In: *Educação e Realidade*, nº 22 (20), P.15-46, jul./dez., 1997.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 4 ed. DP&A editora. Rio de Janeiro, p. 9-76, 2000.

HOBSBAWM, Eric. *a invenção das tradições*. Paz e Terra. São Paulo, 1997.

Mignolo, Walter D. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

MUNANGA, Kabengela. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PASSOS, Sandra Haydée. Arkhé: Práticas, narrativas e memórias da diáspora: Paisagens de uma pesquisa. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO,31, Caxambu, Anais... São Paulo: ANPED,2008. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT21-4792--Int.pdf> Acesso em: 5 nov. 2008.

PETIT, Sandra Haydée. Arkhé: Corpo, simbologia e ancestralidade como canais de ensinamento na educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO,31, Caxambu, Anais... São Paulo: ANPED,2008. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT21-4159--Int.pdf> Acesso em: 5 nov. 2008.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso. *BIMBA, PASTINHA E BESOURO MANGANGÁ Três personagens da capoeira baiana*. Tocantins/Goiânia : NEAB/ Grafsef, 2002

RUAS, Vinícius Ferreira da Silva. *Multiculturalidade, Desporto e Educação*. Rio de Janeiro, Práxis, Revista Científica do Programa de Pós- graduação em Ciências do Desporto, UERJ, Ano II, Número 3, 1999/2000.

KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro(1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente- contra o desperdício da experiência*. In: *Para um novo senso comum: a ciência, o direito, e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Micheli Thereza dos; CANEN, Ana. Desafiando o preconceito racial: a escola como organização multicultural. 30ª Reunião anual da ANPED, Caxambu, 2007.

SOARES. Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: os capoeiras na Corte Imperial, 1850-1890*, Rio de Janeiro, Access, 1999.

SOARES. Carlos Eugênio Líbano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808/1850)*, São Paulo: Campinas, SP. Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001.

SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes , 2000.  
SODRÉ, Muniz. *Mestre Bimba: corpo de mandinga*. Rio de Janeiro: Manati, , 2002.  
SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.  
TAVARES, Júlio César de. *EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO CORPO*. Rio de Janeiro; Revista do Patrimônio Histórico e artístico e Nacional,s/d.

Endereço p/ correspondência:

Rua Joaquim de Souza, 165.

Rocha Miranda, Rio de Janeiro – RJ – Brasil

cep: 21540-370

e-mail: joamarperelli@uol.com.br

Tel: (0xx21) 3359-0564/ (0xx21) 9614-3027 /7846-1928